**TECNOLOGIAs DIGITAis e educação na pandemia:**

UM (grande) processo de transformação na “Sala de AulA”

Drª. Eliana Crispim Luquetti [[1]](#footnote-1); Sinthia Moreira Silva[[2]](#footnote-2); Rhaísa Sampaio Bretas Barreto[[3]](#footnote-3)

**Introdução**

Ao se deparar com algum problema em seu dia a dia, o homem, desde a sua origem, busca solucioná-lo com alguma técnica. Antes mesmo do surgimento da Ciência, o ser humano visava aprender ou trabalhar com alguma habilidade para sobreviver e se comunicar.

Desde a descoberta do fogo, a expressão pela arte rupestre, passando pela escrita cuneiforme, e pela prensa de Gutemberg até chegarmos ao ciberespaço, nos dias atuais, as técnicas e tecnologias mudaram e foram evoluindo para melhorar a qualidade de vida do homem e da sociedade em que vive.

Assim, é visível que mudanças aconteceram e continuam acontecendo, constantemente, em diversas áreas. As tecnologias foram se transformando e, como grande elemento motivador, aliada a elas, estava a comunicação, que visa a troca de informações entre os indivíduos.

No cenário de isolamento social em que o mundo se encontra, a comunicação precisa acontecer por meio das tecnologias digitais. Dessa forma, mais uma vez, o ser humano precisa se qualificar para acompanhar essa transformação, visando a comunicação e por que não, também, a sobrevivência.

No primeiro semestre de 2020, o Brasil e o mundo precisaram parar suas atividades presenciais (físicas), em diversos setores, por conta de um vírus nomeado SARS-CoV-2, de uma doença chamada de novo coronavírus, sendo necessário o distanciamento social para evitar que mais pessoas fossem acometidas pela doença. O isolamento foi indicado e recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e por outras autoridades para que mais pessoas não fossem contaminadas, menos óbitos ocorressem por conta do vírus e, também, para diminuir a propagação de um vírus – até então – desconhecido e de rápida disseminação.

Essa medida trouxe impactos em diversos setores, inclusive a educação, que teve de se remodelar de forma abrupta e continua se moldando para analisar e chegar com mais possibilidades para um ensino híbrido no futuro pós-pandemia. As escolas precisaram se adaptar a uma outra modalidade de ensino, modo remoto, possibilitando, assim, a garantia do direito constitucional de acesso à educação. Para isso, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e entidades ligadas à área, autorizaram, em caráter excepcional, a substituição as aulas presenciais físicas por modalidades que utilizassem os meios tecnológicos digitais de informação e comunicação (BRASIL, 2020).

Neste sentido, com o objetivo de manter as atividades educacionais no Brasil, muitas unidades de ensino optaram pela modalidade remota, uma espécie de educação à distância (EaD) improvisada, para que os alunos pudessem estudar de suas casas. Isso se tornou uma prática para as escolas públicas e particulares, proporcionando às crianças e aos jovens o seu desenvolvimento nos estudos, que está garantido no art. 206 da Constituição Federal de 1988, a partir de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

Em uma grande transformação do espaço físico, a sala de aula, em que temos a massa corpórea, por exemplo, algo tangível, para o virtual, que é real e presencial, o ensino na pandemia se manteve vivo por meio das tecnologias digitais.

É certo que foram muitas mudanças sofridas por professores, alunos e seus pares. Professores se viram envolvidos em gravações e edições de videoaulas, participação em grupos de redes sociais digitais com alunos e familiares e transmissões de aulas ao vivo em múltiplas plataformas virtuais. Os alunos precisaram se organizar no tempo, no espaço e na forma de organizar e apreender os conteúdos, agora, transmitidos – somente – por telinhas.

Uma (grande) transformação a passar e um desafio para superar, no qual estão tendo de adaptar suas disciplinas e cursos para salas de aula no formato on-line e se integrarem ao mundo virtual, por meio aplicativos de videoconferência, as redes sociais digitais e criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Reaprender a ensinar e reaprender a aprender são alguns dos desafios que tanto os professores como os alunos estão enfrentando, em meio ao isolamento social na educação de nosso país, para minimizar o atraso no retorno às aulas presenciais.

**Bases teóricas da reflexão**

Com a chegada da pandemia, muitas mudanças ocorreram em diversos setores e principalmente na educação. O isolamento social fez com que muitos se adaptassem a um novo modelo de vida - o modo virtual – que, por meio da tecnologia, tornou-se o novo método de ensino.

Antes da vivência de um período pandêmico, o trânsito em um ciberespaço já era muito discutido. Aparecendo pela primeira vez em 1984, no romance de William Gibson, o termo foi definido por Levy (1999, p. 17):

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Desse modo, sabe-se que há uma imensidão de saberes nas redes e que os seres humanos se constroem nelas e também por elas. É um espaço virtual, mas que há presença, interação, movimento, aprendizagem e de forma potencializada, pois é uma troca instantânea com várias pessoas que não estão, talvez, territorialmente no mesmo espaço físico, mas estão, agora, numa nova sala de aula ensinando e aprendendo.

A tecnologia digital, embasada em metodologias ativas, favoreceu o processo de escolar tornando-o mais eficaz e autônomo, com foco no desenvolvimento humano e voltado para a realidade na qual a sociedade vive. Um universo em que a tecnologia permitiu atender às necessidades da ocasião social, tornando-se um dos meios mais acessíveis para comunicação entre as pessoas.

É oportuno, portanto, refletir a respeito de como a tecnologia, por meio das suas formas digitais, mais especificamente, da internet, viabilizou o ensino, transformou e segue transformando a sala de aula, “tornando o virtual em um novo bezerro de ouro, um novo ídolo de nossos tempos” (LÉVY, 1999). Dessa maneira, as tecnologias digitais se tornaram o principal instrumento para readaptação da sala de aula física em virtual.

Um novo modo de viver, uma nova forma de ensino que a pandemia trouxe para a sociedade. Além dessas nada simples transformações – que vão desde um conteúdo transmitido por meio de uma lousa e algumas canetas até o pedido de silêncio, que durante as aulas remotas não se vê mais, o que vem ocorrendo, na realidade, é o contrário – há outras discussões a serem feiras, como as inúmeras falas da dificuldade de acesso, por parte de muitas famílias e também dos professores. No entanto, vamos nos deter aqui na nova sala de aula que já é uma (grande) transformação no ensino.

Antunes (2003) em sua obra mostra que os professores não podem ignorar os avanços da investigação científica sobre a linguagem. Em transposição ao contexto da discussão deste trabalho, coloca-se que muitos professores não ignoraram o movimento de ensino na pandemia e muitos foram os destaques no desenvolvimento de atividades que se tornaram inspiração para a criação de recursos pedagógicos no ensino remoto. Assim, parafraseando Antunes (2003, p. 174) pode-se dizer que

[...] a imagem do professor já não carrega aquela aura misteriosa de quem está “pronto” para “ensinar”, de quem estocou os saberes necessários para a transmissão pedagógica em sala de aula. Felizmente, a consciência de uma outra imagem de professor é cada vez mais clara: o professor que se refaz, que redescobre, que reinventa, que revê suas ou concepções e atitudes, que não está “formado” e, portanto, redimensiona seus saberes.

Nesse período de ensino remoto, mais do que qualquer outro momento deste século, quiçá de outros anteriores, a figura do professor precisou ser a de um profissional que se remodelou, se reinventou para que, por meio das tecnologias digitais – que não o substituiu, mas que agregou (muito) e viabilizou o ensino – a educação sobrevivesse em uma sociedade que vive uma pandemia.

**Metodologia**

O estudo baseou-se na análise da bibliografia proposta no sentido de selecionar conceitos que trouxessem ao texto um melhor argumento às discussões experimentadas nesses sete meses de pandemia, no que se refere ao uso das tecnologias digitais na educação como ensino remoto.

Para realização do estudo, foi feita uma pesquisa com levantamento bibliográfico de base qualitativa, ao utilizar autores que dialogam a respeito dos conceitos de ensino e utilização das tecnologias digitais, bem como a sua utilização viabilizando o ensino remoto neste momento de pandemia. Para tanto, utilizou-se autores como, Lévy (1999, 2005), Marcuschi (2010), Bergmann (2016), Kenski (2003), Bougnoux (1994) e Antunes (2003), que serviram de suporte na apresentação das concepções, reflexões e práticas acerca do tema abordado.

Ainda na pesquisa bibliográfica, outros autores, além dos que já mencionados, serviram de suporte para argumentar a estrutura textual sob o suporte digital em relação ao novo modelo de ensino – o ensino remoto – como também, a utilização de ferramentas necessárias como plataformas on-line, salas de aula virtual e gravação em vídeos por meio da tecnologia digital e da internet nos meios de comunicação e seu impacto na linguagem. Na sala de aula dos tempos remotos, os alunos e professores estão separados fisicamente ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e de tecnologias de informação e comunicação.

**Justificativa**

É evidenciado que em um período de isolamento social, faz-se necessário uma renovação para que o mundo não fique parado. E as tecnologias digitais foram ferramentas essenciais para a continuação dos serviços em diversos tipos de setores, em especial a educação, o ensino, a sala de aula. A proposta deste trabalho, provido como instrumento de estudo, está ligado à utilização da internet, do ciberespaço como mecanismo a fim de manter as atividades educacionais durante o período de isolamento social.

Além disso, ficam evidentes os desafios que os professores (alunos e seus pares, mas nosso foco está no professor) enfrentaram e estão enfrentando para se adaptarem ao novo mundo digital. Antes, desse período, alguns poderiam até dizer que não mexiam ou não trabalhavam com as tecnologias digitais na sala de aula, mas, depois desse evento histórico pelo qual a humanidade está passando, eles, com certeza se reinventaram e, agora, já estão familiarizados com elas ou em um processo para isso acontecer.

Há ainda a importância de ressaltar, nesse contexto, a rica parceria entre escola e família que foi, necessariamente, gerada. Mesmo diante das dificuldades de acesso que foram encontradas, os pais não ficaram inertes e auxiliaram para que as crianças pudessem participar das atividades e com isso, dar continuidade nos estudos. Destarte, é possível a transformação das pessoas em uma rede humana comunicante, por intermédio das tecnologias digitais, possibilitando a comunicação com muitas pessoas ao mesmo tempo, sem limitações de espaço e tempo.

**Palavras-chave**: Tecnologias digitais. Educação. Ensino remoto. Pandemia. Isolamento social.

**Referências**

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro&interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 mar. 2020. p. 39. Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376. Acesso em: 19 out. 2020.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de Aula Invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O Que é o Virtual?** Tradução de Paulo Neves. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6ª ed. Campinas. SP: Papirus, 2003.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático18: Ambientes virtuais na educação, do XI Simpósio Nacional da ABCiber.

   2 Professora na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [elinafff@gmail.com](mailto:elinafff@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. 3 Mestranda na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: [sinthia\_moreira@hotmail.com](mailto:sinthia_moreira@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. 4 Mestranda na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: [rhaisabretas@hotmail.com](mailto:rhaisabretas@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-3)